

Texto 1

À cata da vida

Eles estão em todo canto, vasculhando o lixo da cidade à procura de material reciclável, fonte de renda para a família. A Prefeitura contabiliza 8 mil catadores nas ruas de Fortaleza – uma população de trabalhadores à margem de qualquer regulamentação.[...]

A pesquisa Diagnóstico da situação socioeconômica e cultural de materiais recicláveis de Fortaleza, realizado pelo Imparh (Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos) identificou que a maioria dos catadores (27,9%) tem entre 18 e 25 anos, idade de quem procura o primeiro emprego, já são chefes de família, têm mais de um filho e precisam de uma renda. Logo atrás, vem a faixa etária de 31 a 40 anos, quase 30% não terminaram a 4ª série (Ensino Fundamental) e 22,6% são analfabetos, não têm qualificação nenhuma. Apenas 9,1% dos catadores continuam a estudar. A coleta de materiais recicláveis deixou de ser uma fonte de renda extra duas ou três vezes na semana, para ser a atividade principal do chefe da casa.

[...]

Na maioria das vezes sem se dar conta, o catador desempenha um papel fundamental na sociedade de consumo, promove a reciclagem, é agente ambiental e contribui para minimizar o impacto das 90 mil toneladas de lixo produzidos mensalmente por Fortaleza, captando 5 mil toneladas de resíduos recicláveis por mês. Os números são da Empresa de Limpeza e Urbanização (Emlurb). “Essa tarefa é do poder público, mas os catadores acabam trabalhando de graça para ele”, chama a atenção o psicólogo Luis Massilon, coordenador do curso de “Capacitação para Coletores de Resíduos Sólidos” promovido em parceria pela Organização Não Governamental (ONG) Cáritas e pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis (Ider).

Apesar da importância do trabalho, o catador ainda é persona non grata. “Quando a gente encosta, o sujeito fica desconfiado, com medo, a pessoa parece que fica incomodada, sabe?”, diz Antônio Carlos do Nascimento, 41. O catador altera o cenário da metrópole, vaga noite e dia pela cidade, atrapalha o trânsito e às vezes rasga sacos de lixo procurando o que interessa. “O problema maior, o que causa conflito, é o estranhamento da miséria. No imaginário social o catador equivale ao próprio lixo”, diz Lídia Pimentel. Sujos, descalços, sem equipamento de segurança, atravancando o fluxo de carros, vasculhando latões de lixo, eles se multiplicam pela cidade. Estão sempre perto, cruzando o caminho, mas se mantêm afastados, à margem do resto, num universo pouco conhecido por quem não o habita.

(Mariana Toniatti, O Povo, Ciência e Saúde, de 24 a 30 /10/ 2006
–texto adaptado)

Texto 2

Catador é base da cadeia produtiva

Na cadeia produtiva da reciclagem, o catador está lá embaixo. Ele é a base explorada pelo depósito pequeno, cujo dono é conhecido como deposeiro; pelo depósito maior, aquele que acumula volume e tem condições de transporte e armazenamento; e pela indústria, que beneficia os materiais. Seu trabalho depende da figura do deposeiro, que compra o material coletado e na maioria das vezes cede o carrinho ao catador, obrigado a vender para ele, mesmo que seus preços não sejam os melhores.

A pesquisa-diagnóstico realizada pelo Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos (Imparh) mostra que 58,6% dos catadores não têm carrinho próprio e acabam reféns do deposeiro. A relação de exploração é atenuada pela cordialidade dos donos do depósito. “Eles são líderes, compreendem a realidade dos catadores, emprestam dinheiro, adiantam vales. O código de fidelidade vem desse vínculo moral”, explica o coordenador do Fórum Lixo e Cidadania, Antônio Ortis Dias. A dependência tem traços patriarcais. “Ele é alguém que ajuda ao mesmo tempo que cobra, que exige uma cota de produção”, explica a socióloga Lídia Pimentel. [...]

(O Povo, Ciência e Saúde, de 24 a 30 /10/ 2006).

Texto 3

Humanização ainda é um desafio

[...] Como o processo é longo e complexo, quem reflete o assunto aposta na organização dos catadores como ponto de partida. A formação de cooperativas que funcionem na prática seria uma das soluções a médio prazo.

Nas discussões puxadas pelo Fórum do Lixo e Cidadania a preocupação com a tração humana é constante. “É a grande crítica porque você pode acabar institucionalizando um tipo de trabalho errado”, pondera o presidente do Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos (Imparh), Acrísio de Sena, que participa das reuniões semanais do Fórum. O desafio é humanizar o trabalho do catador sem apenas disfarçar sua insalubridade. “Vai ter sempre alguém no meio da rua remexendo lixo, mas podemos reduzir isso em 90%”, acredita o coordenador do Fórum, Antônio Ortis Dias. “Isso passa por um processo, não há uma solução pronta”, ressalta.

(O Povo, Ciência e Saúde, de 24 a 30 /10/ 2006).

Sabendo dessa realidade vivida pelos catadores de lixo, que têm a coleta de materiais recicláveis como principal atividade, estando expostos a doenças, acidentes, dentre outros perigos, e também diante da exploração dos donos de depósitos (os deposeiros), reflita sobre a questão: como humanizar as condições de trabalho do catador sem institucionalizar a tração humana?

Escreva, em um texto ARGUMENTATIVO, o que você pensa sobre essa questão e cite pelo menos duas medidas que podem ser tomadas para que o trabalho do catador se torne humanizado sem que se disfarce a sua insalubridade.